

---

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS DO MUNICÍPIO DE ALTA FLORESTA–MT, 2016**

---

GONÇALVES, Adriana<sup>1</sup>CEZAR, Franciele<sup>2</sup>**RESUMO**

Alfabetização e letramento constitui um dos focos de discussões atuais quando se refere à educação. Sabe-se que a criança não é uma tabula em branco, pois, quando chega à instituição de ensino traz consigo conhecimento prévio. Para a elaboração deste artigo, teve-se por base teórica as contribuições de duas pesquisadoras que se dedicam ao estudo do tema: Emilia Beatriz Ferreira e Magda Becker Soares. Os objetivos propostos para esta pesquisa foram: investigar as concepções que as pesquisadas têm sobre alfabetização e letramento e identificar suas metodologias de trabalho. A pesquisa foi concretizada com quatro professoras que atuam na Educação Infantil, na sala do pré-II, na Escola Municipal Anjo da Guarda e na Escola Municipal Vicente Francisco da Silva em Alta Floresta, MT, no mês de abril do ano de 2016. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, o método de abordagem foi o indutivo e o de procedimento, o estudo de caso. Todas as entrevistadas deram depoimentos semelhantes para o que seja alfabetizar letrando, ou seja, alfabetizar e letrar vai além do ler e escrever. Os alunos precisam saber ler e escrever e também se envolver nas práticas sociais de leitura e de escrita para ser um sujeito alfabetizado e letrado.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Educação.

**1 INTRODUÇÃO**

Através de pesquisas, a autora e pesquisadora Emilia Ferreiro (2001) fez importantes descobertas sobre o processo de aquisição da língua escrita pela criança. Para Ferreiro (2001), a criança é construtora de seu próprio conhecimento, portanto, ao ingressar na escola, ela passa a conhecer e compreender as práticas de leitura e escrita.

O termo letramento, que vai além do ler e escrever, inclui a interação com a leitura e a escrita dentro e fora do contexto escolar, de modo a cumprir as exigências atuais da sociedade, portanto, letrar é mais que alfabetizar. (SOARES, 1998) Nesse sentido, o indivíduo alfabetizado tem o domínio da leitura, escrita, compreensão, interpretação e criticidade. O indivíduo letrado é capaz de inovar e desenvolver novas práticas atendendo as necessidades da sociedade na qual convive.

Em uma entrevista oferecida ao Salto para o Futuro, no dia 21/09/2009, em Lagoa Santa (MG), cujo tema foi o Projeto Alfabetizar, a pesquisadora Magda Soares, que é consultora da equipe do CEALE-UFMG, esclareceu que o sujeito pode ser considerado analfabeto, mas não iletrado. Que a

---

<sup>1</sup>Acadêmica do sétimo semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF); E-mail: <francielett.af@hotmail.com>

<sup>2</sup>Acadêmica do sétimo semestre do curso de Pedagogia da Faculdade de Alta Floresta (FAF); E-mail: <drica362@outlook.com>

criança, desde pequena, ouve pessoas adultas a ler histórias e (...) contos, de diferentes culturas. (SOARES, 1998) Nessa perspectiva, há indivíduos que, mesmo sem a aquisição da leitura e da escrita, desenvolveram capacidade de interação social, cultural, política, econômica e tecnológica por meio de contato direto com quem a adquiriu, obtendo, assim, uma vida letrada.

A problemática que envolveu esta pesquisa foi: que concepção as alfabetizados têm de alfabetização e letramento? Que metodologias utilizam para desenvolver seus trabalhos? A hipótese que norteou o trabalho foi que as professoras pesquisadas são conhecedoras do significado de alfabetizar e letrar; e que entendem a importância das metodologias para o letramento e a alfabetização no ensino fundamental.

Os objetivos propostos foram: pesquisar as concepções que as pesquisadas têm sobre alfabetização e letramento e identificar suas metodologias de trabalho. A pesquisa foi concretizada com quatro professoras que atuam na Educação Infantil, na sala do pré-II, na Escola Municipal Anjo da Guarda e na Escola Municipal Vicente Francisco da Silva em Alta Floresta, MT, no mês de abril do ano de 2016. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas, cujo método de abordagem foi o indutivo e o de procedimento, o estudo de caso. Esta pesquisa poderá contribuir para uma postura reflexiva sobre os dois processos (alfabetizar e letrar) que ocorrem simultaneamente e são indissociáveis e interdependentes.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

A alfabetização surgiu há mais de 5000 anos antes de Cristo como código de reprodução simbólica do pensamento. A leitura e a escrita estiveram ligadas à relação de poder e dominação. Com o desenvolvimento social, a escrita passou a ter uma nova e importante função social, sendo atribuída como oportunidade para a melhoria de qualidade de vida e produtividade no trabalho. A leitura e escrita passaram a fazer parte da vida econômica sendo determinante na perspectiva de vida.

De acordo com Abud (1987), a alfabetização pode ser entendida tanto no sentido amplo como no sentido restrito. No sentido amplo, ela faz parte da formação da personalidade da criança, neste sentido, é necessário que encontre na leitura uma motivação permanente, além de integrar o indivíduo de forma crítica e dinâmica tanto do ponto de vista social quanto do pessoal, ampliando de forma crítica a visão de mundo, dando-lhe base na aquisição de uma cultura geral, servindo de alicerce da aprendizagem escolar, já que a alfabetização não ocorre só no primeiro ano escolar, e sim ao longo de todo o período escolar.

Já no sentido restrito, a alfabetização é um processo de aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita, ensinando o código escrito relacionando ao código oral, habilitando a decifrar a codificação e decodificação. Sendo assim, o ato de “ler significa apenas o ato de decifrar e traduzir um código, estabelecendo correspondência entre sinais gráficos e sons”.

Com o método fônico, a alfabetização ocorre de modo mecânico (codificação e decodificação da escrita); a escrita é a representação de fonemas em grafemas e vice-versa. Com o método global, a representação ocorre por meio de expressão, compreensão e atribuição de significado aos códigos escritos. Desse modo, a alfabetização deve contemplar os dois métodos, bem como levar em consideração os determinantes sociais, as funções e fins da aprendizagem da língua escrita.

A pesquisadora argentina Emilia Beatriz Maria Ferreiro e a professora e pesquisadora emérita Magda Becker Soares trazem contribuições referentes à construção da linguagem oral e escrita no processo de alfabetização. Essas autoras são especialistas na área de alfabetização e letramento, com ênfase em ensino-aprendizagem. As proposições das duas pesquisadoras são de suma importância no decorrer do desenvolvimento deste artigo.

Soares (2003, p. 15) esclarece que: “Letrado é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita.” Portanto, o alfabetizador não apenas deve estar preocupado em ensinar o aluno a ler e escrever, mas também deve ensiná-lo a fazer uma leitura do mundo, a compreender o mundo a partir do contexto onde está inserido. A mesma autora explica que o processo deve conduzir o indivíduo a novos estágios da vida: “Aprender a ler e a escrever (alfabetizado) e fazer uso da leitura e da escrita levando o indivíduo a um outro estado ou condição sobre vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüístico, (sic) entre outros”.

Para Soares (2003), letrar é o aprender das práticas sociais de leitura e escrita. Ela afirma que a pessoa letrada faz o uso contínuo tanto da leitura como também da escrita, passando a ter um diferente modo de pensar. Assim, a criança tem facilidade de aprender de acordo com o meio em que vive. Desde pequena, se ela tem contato com um mundo letrado, de diferentes culturas (músicas, livros, jornais, revistas, contos etc.), adquire habilidades antes mesmo de ingressar na alfabetização.

A inserção dos estudos construtivistas na escola representou um avanço para a alfabetização. Isto porque a psicogênese da língua escrita compreendia a escrita não apenas como mera decifração de um código, um ato mecânico, como pensavam os adeptos dos métodos tradicionais de alfabetização, mas como algo que transcende os muros da escola. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, p.26).

Não se pode pensar que a criança, ao frequentar pela primeira vez a instituição de ensino, está inaugurando a escrita e a leitura, no entanto, antes de entrar para a educação infantil, já tem convivência com algum material escrito, pois se vive em uma sociedade cercada de livros e escrita por todos os lados.

O papel desta escola formal era meramente o de transmitir os conteúdos. O professor era tido como o centro do processo ensino aprendizagem e deveria expor seus conteúdos diretamente no quadro. Foi um ensino caracterizado pelo excessivo uso do livro didático, pela memorização e repetição dos conteúdos. Ao aluno, cabia a recepção do conteúdo, sem poder argumentar ou contrapor qualquer conteúdo apresentado pelo professor. Era tido como uma espécie de papel em branco, onde os professores apenas imprimiam o conteúdo. (CAMPOS; NUNES, 2009, p.07).

A criança era concebida como um papel em branco, desse modo, não se levava em conta que ela pudesse ter algum tipo de aprendizado, até o momento de adentrar na escola, sob essa perspectiva, o professor era o único portador do conhecimento. De acordo com Soares (2003), hoje já se pensa de maneira diferente; que a criança também tem seu aprendizado do cotidiano, da sua cultura etc.

O termo letramento surgiu no mundo moderno complementando o conceito de alfabetização, uma vez que este se tornou insatisfatório. Isto porque a sociedade é centrada no uso da escrita e exige de seus indivíduos diversas formas de exercer as práticas sociais de leitura e escrita. Assim, a noção de letramento foi sendo incorporada como uma forma de explicar e acompanhar o desenvolvimento social, econômico e cultural do país e do mundo. (SOARES, 1998).

O termo letramento foi inventado em meados de 1980, no Brasil, com intuito de nomear um fenômeno distinto da alfabetização, na medida em que o termo alfabetização já não era mais suficiente para suprir o significado de codificar, decodificar e saber fazer o uso deste código. Desta forma, o termo alfabetizar significa codificação e decodificação do código escrito, enquanto o termo letramento foi inventado para designar o sujeito que é capaz de fazer o uso do código escrito (ler e interpretar) e, ao mesmo tempo, consegue lidar com as demandas sociais, o que possibilita sua inserção social. (SOARES, 1998, p.14).

Paulo Freire também compreendia a alfabetização numa concepção mais ampla. Em seu livro “A importância do ato de ler” (1988), o autor discute as questões relativas à leitura e define-a como um processo que vai além da significação das letras. Nas palavras do autor, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. (FREIRE, 1988, p.09) Freire explica que, ao ler, o indivíduo pode ter um pensamento crítico, reflexivo sobre o que se está escrito, apropriando-se de conhecimentos sociais e culturais.

Em consonância com os estudos sobre alfabetizar e letrar, o referido autor defende uma educação que seja capaz de transformar o homem e de conscientizá-lo. Isso implica em uma educação como prática de libertação, capaz de desenvolver a consciência crítica dos alunos, levando-os a analisarem os problemas de forma a superá-los.

No livro “Reflexões sobre alfabetização”, consta que “estamos acostumados a considerar a aprendizagem da leitura escolar, que se torna difícil reconhecer que o desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes da escolarização. Os educadores são os que têm maior dificuldade em aceitar isto.” (FERREIRO, 2001, p. 64).

Para alguns, quando a criança entra na fase escolar, não entende sobre leitura e escrita, somente a partir dali é que ela irá passar a entender. Esquece-se que antes de começar os primeiros anos escolares a criança já tem um prévio entendimento sobre leitura e escrita e, a partir de então, ela passará a aperfeiçoar suas habilidades. Ou seja, antes de frequentar o ambiente escolar, a criança consegue contar histórias e falar de assuntos ocorridos no seu cotidiano, logo, nos primeiros anos da fase escolar, ela vai desenvolver novas formas de se expressar.

No caso do desenvolvimento da leitura e escrita a dificuldade para adotar o ponto de vista da criança foi tão grande que ignoramos completamente as manifestações mais evidentes das tentativas infantis para compreender o sistema de escrita as produções escrita das próprias crianças. (FERREIRO, 2001, p. 68).

Nesse caso, a criança tenta demonstrar que entende o que é passado para ela através de formas lúdicas (desenhos, jogos e brincadeiras), nessa fase, é preciso estimular o conhecimento e a capacidade que a criança tem, pois ela é uma pessoa ativa com muitas habilidades, com um modo próprio de agir, pensar e se expressar sobre o que é, vê, pensa e aprende.

Isto é quando a criança começa a ter os primeiros contatos com o alfabeto ela começa a descobrir outras maneiras de se comunicar da forma decodificada para a forma codificada.[...] Até há poucos anos, as primeiras tentativas de escrever feitas pelas crianças eram consideradas meras garatujas, como se a escrita devesse começar diretamente com letras convencionais bem traçadas. Tudo o que ocorria antes era simplesmente considerado como tentativas de escrever e não como escrita real. (FERREIRO, 2001, p.68).

Sobre esses equívocos cometidos no processo de alfabetização e letramento, Soares (1985), em seu texto “As muitas facetas da alfabetização”, faz a análise do desenvolvimento escolar fazendo um levantamento do índice de aprovação nas décadas de 60, 70 e 80, e concluiu que mais da metade dos alunos fracassam na escola. Para entender o porquê desse fracasso, a autora busca resposta ora no aluno, ora no contexto cultural do aluno, ora no professor, ora no método, ora no material didático e ora no próprio meio do código escrito.

Quando o educador considera todas essas variáveis em seu trabalho, a criança tem maiores oportunidades de ter um desenvolvimento mais amplo no aprendizado.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa foi concretizada com quatro professoras que atuam na Educação Infantil (na sala do pré-II) nas Escolas Municipais Anjo da Guarda e Vicente Francisco da Silva, em Alta Floresta-MT, no mês de abril do ano de 2016.

Esta pesquisa na área da educação teve como método de abordagem o indutivo, que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), trata-se da observação de fatos e fenômenos, analisando descobertas na relação entre eles, partindo do particular para o geral. O método de procedimento foram o de estudo de caso e a pesquisa bibliográfica. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista pré-estruturada.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o autor Cagliari (1998), as crianças, quando escrevem textos espontâneos, não se preocupam com a escrita e muito menos com a ortografia, mas elas escrevem com seu individual, tendo o próprio sabor, um sabor interessante, cada um com seu valor.

O autor compara vários textos espontâneos de alunos da primeira série que eram alfabetizados com cartilhas, mostra a inocência do aluno, que escreve palavras juntas, faz separação da palavra quando é junta e troca as letras uma pela outra. Já os textos espontâneos tiveram um bom resultado, pois se escreveram textos e não frases desconectadas. Ao passar do tempo, os alunos foram melhorando a escrita e se interessando pela leitura, o que ajudou na escrita ortográfica.

O autor fala que o que deve ser feito para os alunos compreenderem como se deve escrever é mostrar que cada palavra só tem uma forma de escrever e, quando o aluno tiver dúvidas, deve perguntar para alguém que sabe ou procurar no dicionário, assim, vai aprendendo as palavras pouco a pouco. (CAGLIARI, 1998).

De acordo com Kaercher (2001), contar histórias para as crianças é importante porque trabalha com o imaginário, o faz de conta, e, assim, elas vão usando a imaginação e fazendo perguntas sobre o que estão ouvindo. As crianças de 0 a 1 ano fazem leitura visual, conhecendo as figuras, aprendendo que o livro é divertido, colorido, e podem aprender a compreender o mundo, através de brincadeiras, incluir o momento da leitura como um momento prazeroso, em lugares diferentes, ou seja, podem ir além usando a imaginação.

As crianças devem ter contato com os livros, então, os livros devem estar ao alcance delas para que possam manusear. Os pais não precisam se preocupar com presentes caros, devem criar novos brinquedos com as crianças para que possam valorizar o trabalho desde cedo. Através da leitura de imagem, a criança consegue organizar as emoções e os saberes, pois a leitura é uma arte e tem que se repassar de tal maneira que a criança possa compreendê-la. (KAERCHER, 2001).

A autora Soares (1998) cita que o alfabetizado e letrado, além de saber ler e escrever, se envolve nas práticas sociais de leitura e de escrita, então, pode haver pessoa que é alfabetizada e não é letrada, porque não pratica a leitura e a escrita. As pessoas, quando se tornam letradas, falam de forma diferente, pois, com a prática da leitura, aprendem a falar corretamente, e, através da língua escrita, ocorrem mudanças no uso da língua oral e no vocabulário.

No município de Alta Floresta, foram entrevistadas quatro professoras do ensino fundamental. As entrevistas nº 1 e 2 foram realizadas na sala dos professores da Escola Municipal Anjo da Guarda às 14h30min no dia 01 de junho de 2016. Participaram da entrevista as duas professoras alfabetizadoras: Valéria e Rita. Ambas trabalham apenas na escola acima citada.

A professora Valéria tem 59 anos, residente no bairro São José do Operário, tem 04 filhos, é pedagoga e está se pós-graduando em Psicopedagogia. Em sua vida cotidiana, a professora, que nasceu no Estado de São Paulo e teve sua infância relativamente boa, mora no Município de Alta Floresta há 34 anos, para onde veio em busca de uma vida melhor. Iniciou a carreira na educação substituindo os professores aos 30 anos em todas as disciplinas.

A professora Rita tem 30 anos e reside no bairro Boa Nova, tem dois filhos, é Pedagoga e tem pós-graduação em Didática do Ensino Superior. A professora, que nasceu em Aripuanã- MT, teve uma infância feliz. É moradora do Município de Alta Floresta há 11 anos, mudou-se para a cidade porque se casou e pela necessidade de emprego. Foi influenciada a seguir a profissão de professora pelos familiares e iniciou os trabalhos como auxiliar de professores.

Quando se perguntou às alfabetizadoras o que é ser professora, as respostas foram as seguintes: Valéria explicou que “é a profissão que amo fazer”. Já Rita disse: “Ser professora é transformar os conhecimentos de cada um, com o que eu posso oferecer, é ser amada e doar amor mesmo não sendo fácil, mas a dificuldade me desafia e me mantém forte para continuar buscando e fazendo o melhor, pensando nas peculiaridades de cada aluno (a) que tenho”.

E, em se tratando de como foi organizado o grupo de professores que trabalha na escola, obtiveram-se as seguintes respostas: Valéria relatou que “foi organizado pela equipe da escola e secretaria de educação”. Rita já falou que “não estava presente na organização do corpo docente e dos outros profissionais da educação no começo do ano”. As professoras informaram que existem projetos escolares que são trabalhados na escola, denominados feira das ciências.

Para elas, estar na sala de aula trabalhando com alunos dos anos iniciais é uma responsabilidade e um grande desafio. Nesta fase, a criança está descobrindo um mundo não apenas da escrita e da leitura, mas um mundo de novas perguntas e respostas. A organização do corpo docente é essencial para o bom desenvolvimento escolar dos alunos.

Referente à relação entre os professores, as respostas foram as seguintes: Valéria falou “que é muito boa”. Rita relatou que “se sente bem entre os professores com quem convive, pois, desde que entrou na escola, todos foram abertos e se prontificaram a ajudar. Com isso, se sente bem recebida e confiante”. No que se refere às disputas existentes entre os professores, a professora Valéria relata



---

“que não há e que cada um tem sua capacidade”. A professora Rita fala que “até o momento, encontrou professores abertos a ensinar o que sabem como forma de ajudar”.

Ao iniciar como professor(a) na escola, o acolhimento dos professores experientes ajuda no desenvolver dos trabalhos dentro da instituição de ensino, pois o professor precisa sentir que pode contar com o apoio de seus colegas, para fazer o melhor para seus alunos.

Quando indagadas se existem dificuldades de relacionamentos entre os profissionais da educação, Valéria relata que “não existe”, no entanto, Rita acredita que “isso acontece em todas as profissões e, no convívio com pessoas diferentes, divergências acontecem, mas não pode acabar o respeito entre as pessoas”.

Muito relevante o relato da Professora Rita, pois mesmo cada ser humano sendo diferente um do outro, o respeito deve prevalecer, pois faz parte da ética profissional e da ética que todo humano deve ter um com o outro.

Em relação ao convívio entre aluno/professor, as professoras tiveram opiniões diferentes. Valéria relatou que, para ela, “é muito boa, o aluno sabe seu lugar”, já Rita relata que “vivenciamos acontecimentos que estão inseridos no contexto de alunos e professores; trabalharmos com conteúdos com os alunos e eles nos ensinam também”.

Hoje, os professores têm consigo que, ao mesmo tempo em que passam seus conhecimentos, também adquirem através de debates em sala de aula, momento em que os alunos expressam suas opiniões, sentem-se seres humanos em constante aprendizado.

Ao serem indagadas sobre de quem é a responsabilidade de educar os filhos, do professor ou dos pais, Valéria disse que “os pais têm a obrigação de educar seus filhos porque na escola é para aprender”. Rita relata que acredita que “a educação, na parte de valores, é responsabilidades dos pais ou responsáveis, embora muitas crianças tenham que aprender na escola com os educadores, por não receberem esses ensinamentos em casa; tem famílias desestruturadas que negligenciam essa parte”.

Muitas vezes, a escola faz o papel que é de responsabilidade dos pais, que é de educar, sabe-se que se vive um cotidiano em que se trabalha durante todo o dia e, às vezes, parte da noite, deixando a família em segundo plano. Há pais que trabalham muito e, para compensar os filhos, fazem todas as suas vontades, deixando-os entenderem que podem tudo sem consequências dos seus atos. A falha está nos pais que quase nunca estão presentes na vida, tanto cotidiana quanto escolar, de seus filhos.

Quando se trata de qual é a visão que os professores têm dos alunos, as respostas foram as seguintes: Valéria falou que “depende de cada aluno e professor”. A professora Rita relatou que “hoje eles participam mais, relatam seus conhecimentos nas disciplinas aplicadas. Antigamente, tinham professores que não aceitavam a participação do aluno, sendo assim, podemos perceber que, desta forma, eles acreditam em seus dizeres e nós educadores acreditamos mais em seu potencial intelectual”.

As professoras entendem que, nos dias atuais, os alunos estão mais participativos nas atividades escolares e que os professores também mudaram as formas de ensino, levando o aluno a participar da aula e marcar presença não apenas de corpo, mas também de opinião. O mundo está cheio de informações de todas as formas e as crianças estão vendo e ouvindo e criando suas próprias

---

opiniões sobre todos os acontecimentos a sua volta, portanto, elas precisam de orientações para buscar respostas para suas perguntas e entender o que ocorre a sua volta.

Referente às facilidades de se ensinar nos dias de hoje, Valéria informou que “depende de cada professor” e a professora Rita explicou “que uma das facilidades que temos hoje é o contato com a *internet* e as tecnologias, podemos buscar e pesquisar as dificuldades que temos para ensinar em qualquer hora e lugar”.

As novas tecnologias e meios de comunicação avançados facilitam o acesso à informação de forma rápida, prática e eficiente. Com a *internet*, podem-se ter notícias de uma distância considerável em tempo real.

Nos dias de hoje, as maiores dificuldades para ensinar, na visão da educadora Valéria, “são as crianças sem interesse”. Rita acredita ser “a falta de limites que as crianças têm em sala, muitas fazem o que bem querem, não levam a sério o ato de aprender, pois pensam serem as donas da razão e de suas vontades, isso desgasta muito a professora”.

Quanto ao questionamento acerca de como cada uma vivencia sua profissão frente às dificuldades de ensinar hoje, Valéria respondeu que “tem que ser bem competente para que o ensino aprendizagem aconteça”. Rita informou: “acredito que me esforcei muito na minha formação e continuo me esforçando, estudando e procurando embasamento para passar melhor os conteúdos”.

Segundo as professoras, os alunos sem interesse são os mais difíceis de lidar, como já comentado anteriormente, isto pode ser consequência de pais que não tiveram tempo de educar seus filhos e acabam por fazer todas as suas vontades, deixando-os pensarem que podem fazer tudo da forma que quiserem. Isso prejudica também aqueles que são interessados a aprender realmente.

Questionou-se como o professor se sente diante dos seus direitos na escola e Valéria respondeu que “sem confiança”, já a professora Rita disse que, “atualmente, o professor passa por muitas dificuldades, como vilão, pois a sociedade não enxerga que ele acaba exercendo o papel de pai (educar) e de professor (ensinar conteúdos)”.

Com todas essas mudanças, também vieram consequências, professores que perderam sua autonomia dentro da sala de aula, alunos que querem fazer o que querem deixando a rotina do professor na sala de aula estressante. Nesse momento, cabe ao professor contornar a situação para retomar o controle de sua sala de aula e ambiente escola.

Quando perguntado se haviam percebido que os profissionais da educação têm desistido da carreira, ambas responderam que sim, que sempre existem profissionais que reclamam, mas que, segundo elas, é preciso amar o que se faz porque não é fácil trabalhar na rede de educação. Muitas vezes, a desvalorização do profissional vem de quem mais deveria apoiar, que são os pais dos alunos, e que é preciso acreditar em si próprio e no que está fazendo. Valéria disse que “gosta muito e que foi a profissão que escolheu”. Rita relatou que “faz pouco tempo que exerce a profissão, mas que esta maravilhada ao poder ver uma criança ou um adulto transformar seus conhecimento e vivências com o que oferece”.

A valorização profissional tem que partir do próprio profissional fazer o trabalho de forma prazerosa, caso contrário, se torna uma rotina estressante e massacrante.

As entrevistas nº 3 e 4 foram realizadas na sala dos professores da Escola Municipal Vicente Francisco da Silva às 14h30min no dia 02 de junho de 2016. Participaram da entrevista as duas



professoras alfabetizadoras. As entrevistadas foram: Bruna e Celina. A professora Bruna tem 49 anos, é mãe de um filho, residente no bairro Cidade Alta, Pedagoga com pós-graduação em Psicopedagogia. Nascida em Passira, no Estado de Pernambuco, sua infância foi maravilhosa. Ela mora no município de Alta Floresta há 27 anos, mudou-se para esta cidade porque se casou. Iniciou carreira na educação aos 20 anos. Para ela, ser professora “é mais que uma profissão é um dom”.

A professora Celina tem 51 anos, é mãe de dois filhos, residente no bairro Cidade Alta. Ela é pedagoga, nascida em Alto Piquiri, Paraná, sua infância foi muito boa, mora no município de Alta Floresta há 33 anos, mudou-se para esta cidade em busca de melhorias de vida e iniciou carreira na educação aos 26 anos. Esta conheceu a profissão admirando um professor de matemática. Ser professora, para ela, é “gratificante e para exercer esta profissão não basta gostar, é preciso ter o dom”.

Quanto à organização do grupo de professores e as perspectivas de cada um dentro do âmbito escolar, a educadora Bruna relatou que “existem projetos na instituição e que um deles é o Projeto de Leitura”. Ambas responderam que a relação entre os professores é muito boa e que todos se ajudam.

Quando perguntado se existe uma disputa entre eles, a educadora Bruna diz “acredita que sim, mas que, na instituição onde leciona, não”. Celina diz que “não”. E que não existe nenhuma dificuldade de relacionamento entre os profissionais da educação.

E relação entre aluno/professor, as professoras disseram não haver mais aquela relação de superioridade, de autoridade e sim de respeito e de amizade. Que a responsabilidade de educar os filhos é dos pais e que o professor tem a função de ensinar. Na opinião da educadora Bruna, os alunos veem os professores como alguém sem importância na contribuição para seu aprendizado. Os professores acreditam que os alunos estão desinteressados nos estudos, sem compromisso com a aprendizagem, e que, na maioria das vezes, vêm para a escola, pensando apenas em brincar.

Sobre a educação e a sociedade, a professora Cristina acredita que as facilidades para ensinar estão relacionadas a “um bom planejamento” e, segundo Bruna, “as tecnologias de hoje ajudam muito”. As maiores dificuldades encontradas são a falta de interesse do aluno, a falta de apoio dos pais e o desinteresse da família em participar da vida escolar dos alunos. Segundo as professoras, o sentimento frente às dificuldades encontradas é de ansiedade, mas que tentam fazer o melhor, buscando estratégias para auxiliar essas crianças.

O profissional da educação tem sentido sua desvalorização, por isso, alguns têm desistido e elas ainda se mantêm nesta profissão porque, apesar das dificuldades, amam o que fazem, que é um sonho realizado, se sentem gratificadas em poder ajudar a criança em seu processo de alfabetização.

No que diz respeito às metodologias aplicadas sobre alfabetização e letramento neste município, apenas três professoras responderam. A primeira, Celina, disse que alfabetizar letrando é levar a criança a escrever sobre suas práticas sociais de leitura e escrita. Rita relatou da seguinte forma o alfabetizar letrando: é transferir ou mediar conhecimentos de mundo, que ele compare a aprendizagem da escola com seus conhecimentos diários. Na opinião de Bruna, alfabetizar letrando se dá em um contexto, não é apenas ensinar a ler e escrever.

Celina diz que a metodologia é de muita importância e que precisa ser adequada para a dificuldade de cada aluno. Rita diz que é essencial o professor ter em mente que alfabetizar se trata de ensinar vários alunos os quais pensam e agem de forma diferente, mas se tem de alcançar todos. Para isso, utilizam-se de métodos diferentes, assim, tentam alcançar o sucesso de todos os alunos.

Na opinião de Bruna, a metodologia usada na prática pedagógica e a forma como é conduzida na sala de aula deve ser compatível com o contexto social em que os alunos estão inseridos.

A professora Celina afirma que, com certeza, é possível alfabetizar a criança a partir de diferentes métodos de ensino, partindo da realidade dela. Rita, como havia dito antes, informou que são alunos diferentes, cada qual com suas peculiaridades, assim, precisam-se buscar métodos para que todos aprendam, respeitando seu amadurecimento cognitivo. Bruna relata que cada criança assimila o conteúdo de forma diferente, daí a importância de se trabalhar com diferentes métodos.

As metodologias usadas hoje no município pelo professor alfabetizador, segundo a professora Celina, estão vinculadas ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, com sequência didática de atividades, jogos e brincadeiras. Segundo a professora Rita, o município oferece uma proposta na Diretriz Curricular Municipal (DCM), em que os professores buscam suas metodologias de trabalho para serem aplicadas em sala de aula. Bruna também segue a proposta que o município oferece.

As professoras entrevistadas responderam que, quando a criança tem estímulos, começa a aprender antes mesmo de entrar na alfabetização, logo, sua aprendizagem depende do que é ofertado a ela, dentro e fora da escola.

Bruna relata que, na escola, a criança aprende a teoria e, fora, coloca-a em prática. Segundo ela, também é necessário relacionar teórica e prática, explorar a interdisciplinaridade e o ensino por competências.

Na pergunta sobre qual é o papel da escola e qual o do professor na aprendizagem da criança, Celina relata que o do professor é estar atento aos desejos das crianças, principalmente aquelas com dificuldades de aprendizagem, e o da escola é dar suporte para que os professores possam desenvolver um bom trabalho. Rita diz que o papel da escola e do professor é de adequar os conhecimentos do aluno. Quando estimulado em família, o processo de aprendizagem do estudante ocorre com mais sucesso. A escola e o professor, às vezes, têm de ensinar valores, pois alguns alunos vêm sem nenhum de casa. Bruna diz que a escola tem o papel de oferecer um ensino de qualidade e o professor, de proporcionar aos alunos a construção do conhecimento.

Onde o problema encontra-se: na criança que tem dificuldade na escola, ou a dificuldade da escola em ensinar a criança? A descoberta de novas metodologias ajuda no momento de aplicar as atividades. Além disso, a criança precisa entender que ela é importante naquele meio para ter motivação em participar das atividades escolares e desenvolver seu potencial.

Nesta perspectiva, o professor deve propor a leitura e a escrita de forma contextualizada, e de diferentes tipos de texto, permitindo ao indivíduo fazer diferentes usos da escrita no seu cotidiano e de se inserir numa cultura letrada. Ou seja, é preciso promover reflexão para que a criança compreenda as funções sociais da leitura e da escrita. A escola deve oferecer diferentes gêneros textuais e oportunizar a comunicação oral e escrita, além de desenvolver a capacidade reflexiva e crítica do educando, pois este processo de letramento vai além do ensino institucionalizado.

Todas as entrevistadas deram depoimentos semelhantes para o que seja alfabetizar letrando, ou seja, alfabetizar e letrar vai além de saber ler e escrever. Os alunos precisam saber se envolver nas práticas sociais de leitura e de escrita para serem alfabetizados e letrados. Essa concepção vai ao encontro das proposições de Soares (2006) e Ferreiro (2011).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia da alfabetização no Ensino Fundamental é de sua importância para se alcançar a qualidade social que a educação precisa. As professoras pesquisadas trabalham com as proposições do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, utilizando sequência didática, atividades de jogos e brincadeiras e também as propostas oferecidas no DCM (Diretrizes Curriculares Municipais), em que os professores buscam de forma colaborativa suas metodologias de trabalho para serem aplicadas em sala de aula.

Todas as entrevistadas deram depoimentos semelhantes para o que seja alfabetizar letrando, ou seja, alfabetizar e letrar vai além do ler e escrever. Os alunos precisam saber ler e escrever e também se envolver nas práticas sociais de leitura e de escrita para serem sujeitos alfabetizados e letrados.

Outro aspecto interessante do relato das pesquisadas refere-se à necessidade de se levar em conta também a realidade do aluno e considerar suas necessidades, para escolher um método de alfabetização que melhor se adapte a ele. Com isso, discutiu-se a importância do alfabetizar através dessa realidade, conceituando as reflexões sobre a alfabetização.

A alfabetização habilita o indivíduo a desenvolver diferentes métodos de aprendizagem da língua podendo então compreender com mais facilidade e também se comunicar e expressar com maior clareza proporcionando uma interação social em que ocorre uma transmissão de conhecimentos. É preciso refletir sobre o processo de aprendizado e desenvolvimento escolar. Sabe-se que, a alfabetização nas séries iniciais é a fase mais importante na vida da criança, pois se sabe que alfabetização e letramento são processos complementares, os quais devem ocorrer de forma imbricada; abrangem a capacidade de interpretar, compreender, estabelecer relações com o real, ler dominando a mecânica de leitura e a relacionando simultaneamente com o pensamento; também é saber criticar e reproduzir conhecimento.

#### **LITERACY AND LETTER IN THE INITIAL SERIES OF THE MUNICIPALITY OF HIGH FLORESTA-MT, 2016**

Alphabetization and Literacy is one of the focuses of current discussions when it comes to education. It is known that the child is not a blank tabula, because when a child arrives at the institution brings with it previous knowledge. For the elaboration of this article, the theoretical basis was the contributions of two researchers who are dedicated to the study of the theme: Emilia Beatriz Ferreira and Magda Becker Soares. The goals proposed for this research were: to investigate the conceptions that those who researched have about alphabetization and literacy and to identify their work methodologies. The research was carried out with four teachers who work in Early Childhood Education, in the Kindergartenroom, in the municipal School Escola municipal Anjo da Guarda and in the municipality School Escola Municipal Vicente Francisco da Silva in Alta Floresta, MT, in April 2016. The Data collection took place through interviews, the method of approach was the inductive and the procedure, the case study. All the interviewees gave similar testimony for what is it to literate, that is, to alphabetize and to literate goes beyond reading and writing. Students need to be able to read and write and also engage in social reading and writing to become literate.

**Key-words:**Alphabetization. Literacy. Education.

---

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, E; A. T. **Psicogênese da Língua Escrita**, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. tradução Horário Gonçalves et al. 24 ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2011. Coleções Questões da Nossa Época, v. 14.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

KAERCHER, Gládis; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva E por falar em literatura. In: **Educação infantil: Pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LAKATOS, Eva Maria Lakatos; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo : Atlas 2010.

MOREIRA, Geraldo Eustáquio. **O processo de alfabetização e as contribuições de Emilia Ferreiro**. Disponível em: < <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/5041/3838>>. Acesso em: 15 jun. 2016

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda Becker. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

